

3. Ciencias Políticas y Sociales.

Relações entre ciência e sociedade a partir das obras de Boaventura de Sousa Santos e Jean-Marc Ela

Vasconcelos, Livia de Oliveira; livinhasconcelos90@hotmail.com; Passos, Cármen Lúcia Brancaglioni (orientadora); carmenpassos.ufscar@gmail.com.

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo

Esta pesquisa apresenta um diálogo entre as obras “Para Além do Pensamento Abissal – Das linhas globais a uma ecologia dos saberes” de Boaventura de Sousa Santos e “Investigação científica e Crise da racionalidade”, de Jean-Marc Ela. Temos como objetivo discutir a ciência como instrumento de colonização tanto do ponto de vista do europeu (Boaventura) quanto do ponto de vista de um africano (Jean-Marc). Para isso, realizamos um estudo teórico das concepções de racionalidade e ciência de cada um dos autores. A partir da análise interpretativa das obras, constatamos que Santos (2007) apresenta uma crítica ao pensamento Ocidental, caracterizando-o como abissal. Compreendemos que há um abismo epistêmico em relação ao que está “deste lado da linha” (Norte) e ao que está “do outro lado da linha” (Sul). Santos (2007) distingue as sociedades metropolitanas dos territórios coloniais e percebe a injustiça cognitiva na desqualificação de verdades que não se possam avaliar segundo os cânones da ciência ocidental. Ela (2015) direciona sua obra aos cientistas africanos, sinalizando a necessidade de uma nova ciência e de uma nova postura investigativa, na qual o pesquisador africano precisa estar presente e valorizar seus modos de fazer ciência. Os dois autores destacam que um novo modelo de ciência perpassa um novo modelo de racionalidade. A partir desse estudo, compreendemos que o surgimento de um pensamento pós-abissal, como propõe Santos (2007), requer uma postura que veja o outro a partir do outro, de seu modelo de racionalidade e de suas formas próprias de conhecer e compreender o mundo e a vida.

Palavras-chave: pensamento abissal; racionalidade; ciência.



Introdução

Este artigo apresenta um diálogo entre as obras “Para Além do Pensamento Abissal – Das linhas globais a uma ecologia dos saberes” de Boaventura Souza Santos e “Investigação científica e Crise da racionalidade”, de Jean-Marc Ela, centrado no debate acerca do modelo científico como um padrão que divide as formas de conhecimento como verdadeiro e falso, produz hierarquias e desperdiça saberes. Discutimos como tal segregação marginaliza as formas de racionalidade dos grupos dominados ao lhes impor modelos e métodos pré-estruturados pelos grupos hegemônicos.

Santos (2007) e Ela (2015) têm como características comuns, além do século de nascimento, a necessidade de compreender a forma como os saberes são construídos e refletir sobre a história das ideias. Jean-Marc faleceu em 2007 enquanto Santos segue com sua produção acadêmica e seu ativismo.

Para apresentarmos as ideias-chaves que identificamos em cada uma das obras, bem como os pontos de convergência entre Santos (2007) e Ela (2015), organizamos o presente texto a partir dos seguintes tópicos: objetivos, materiais e métodos, resultados e discussão e considerações finais.

Nos tópicos seguintes delimitamos nosso objetivo de pesquisa e

apresentamos os procedimentos metodológicos que culminaram neste trabalho.

No tópico de resultados e discussão apresentamos as relações entre sociedade e ciências segundo Boaventura e Jean-Marc Ela; e os pontos de convergência entre as obras de ambos.

Objetivos

Por meio desta pesquisa temos como objetivo discutir a ciência como instrumento de manutenção do processo de colonização tanto do ponto de vista do europeu (Boaventura) quanto do ponto de vista de um africano (Jean-Marc), por isso foi realizado um estudo teórico das concepções de racionalidade e ciência de cada um dos autores.

Ao colocarmos a ciência como instrumento de manutenção do processo de colonização, estamos propondo que, a medida que os povos de territórios colonizados são submetidos a padrões e métodos de produzir conhecimento científico, lhes é imposto também um modelo de racionalidade do colonizador (Ela, 2015).

Por identificar que um dos pontos de discussão desta pesquisa é o reconhecimento e valorização da racionalidade dos povos colonizados, o diálogo entre um autor africano e um europeu foi proposto intencionalmente para tentar perceber que conjecturas são

feitas “deste lado da linha (Norte) e do outro lado da linha (Sul)” (Santos, 2007).

Materiais e Métodos

Nesta pesquisa a metodologia empregada foi de caráter teórico-bibliográfico a partir da qual foi desenvolvida uma análise interpretativa das obras “Para Além do Pensamento Abissal – Das linhas globais a uma ecologia dos saberes” de Boaventura Souza Santos e “Investigação científica e Crise da racionalidade”, de Jean-Marc Ela.

A proposta de dialogar entre as obras desses dois autores ocorreu no contexto da disciplina de Epistemologia II do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE-UFSCar). Nessa experiência vislumbramos a possibilidade de fazer, além do estudo, uma análise interpretativa das obras e sistematizar nossas conjecturas por meio deste artigo.

Inicialmente realizamos o estudo das obras e dialogamos, junto com os colegas e professora da disciplina de Epistemologia, sobre as principais ideias apresentadas por cada um dos autores. No diálogo em classe se destacaram as discussões sobre o que se entende por ciência e racionalidade. Dessa forma, desenvolvemos leituras posteriores atentando-se a esses dois focos.

No decorrer desse processo de estudo e análise das obras, nossas inferências foram organizadas em três partes: (1) I – As relações entre sociedade e ciências segundo Boaventura; (2) II - As relações entre sociedade e ciências segundo Jean-Marc Ela; (3) Intervenções: pontos de convergência entre as obras de Jean-Mar Ela e Boaventura; conforme será apresentado no tópico seguinte.

Resultados e discussão

I – As relações entre sociedade e ciências segundo Boaventura

Boaventura de Sousa Santos é um filósofo português que nasceu na cidade de Coimbra em 1940. Na carreira profissional é professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e *Distinguished Legal Scholar* da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison. A partir de sua autobiografia, Santos (2017) afirma que é *Global Legal Scholar* da Universidade de Warwick, Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa (Santos, 2017). Ainda vivo, o autor segue com a elaboração de suas obras que tem como temática a separação que existe, denotada por ele como abismo, entre as formas de racionalidade dos hemisférios



Norte e Sul, referindo-se também ao processo de colonização e desenvolvimento econômico dos países “deste lado da linha” (Norte) e “do outro lado da linha” (Sul), sobre a construção de saberes, relações de poder e embates políticos entre os dois hemisférios.

Na obra “Para Além do Pensamento Abissal – Das linhas globais a uma ecologia dos saberes”, Santos (2007) assevera que ainda existe uma divisão no pensamento moderno ocidental, que tem como consequência a valorização dos saberes do Norte e a exclusão dos saberes do Sul, demarcando um processo que o autor “denomina como injustiça cognitiva global” (Santos, 2007, p. 71), que é uma das formas de cometer a injustiça social. Essa separação entre as formas de pensamento é uma das características do pensamento abissal. Ao criticar tal pensamento, a obra estrutura-se a partir da seguinte problemática: É possível um pensamento pós-abissal?

A palavra abissal é compreendida como abismo, ou seja, é algo que não se consegue ultrapassar, é algo que está abaixo, no fundo, de modo que o abismo contém algo que é escuro, invisível, ressaltando a questão da invisibilidade. Para o autor, trata-se de um pensamento abissal porque consiste

em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as

primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A divisão é tal que o “outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente é mesmo produzido como inexistente. (Santos, 2007, p. 71)

Esse pensamento de Santos (2007) é caracterizado pela impossibilidade de co-presença dos dois lados da linha, que opera a distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais e tem no conhecimento e no direito suas manifestações mais plenas.

No campo do conhecimento, o pensamento abissal concede à ciência – europeia, iluminista – a premissa de distinguir o verdadeiro do falso, imputando à verdade científica a validade universal. Além de distinguir a verdade em científica e não-científica, o pensamento abissal desqualifica qualquer outra verdade que não se possa avaliar segundo os cânones da ciência, mantendo a relação binária entre “o que é” e “o que não é”, desconsiderando tudo o que não possa ser classificado em uma dessas duas categorias. Mantém assim o corolário do sistema binário, levando à risca o princípio do terceiro excluído, deixando-o fora do sistema, invisível.

Essa linha invisível não permite que se veja o outro – nem como outro – e impossibilita ainda a visão do próprio



abismo que separa os dois lados. Santos (2007) argumenta que essa lógica tornou também invisível as ocorrências nas regiões coloniais, onde acontecia tudo “o que não pudesse ser pensado em termos de verdadeiro ou falso, de legal ou ilegal” (Santos, 2007, p. 73).

Segundo o autor, essa cartografia abissal ainda constitui o conhecimento moderno, na medida que somente são considerados os conhecimentos que podem ser julgados como científicos e que todos os outros, que não podem ser avaliados segundo os cânones da ciência, sequer são considerados, são mantidos inexistentes.

Uma das concepções intrínsecas à segregação que se manifesta por meio do pensamento abissal é a de que o “colonial constitui o grau zero a partir do qual são construídas as concepções modernas de conhecimento e direito” (Santos, 2007). A análise dessa parte da discussão nos permite inferir que Santos (2007) tece uma crítica a uma concepção de que os povos do território colonial devem passar por um processo de progresso, para posteriormente assumirem um perfil de racionalidade mais evoluído, semelhante ao dos povos das sociedades metropolitanas, com a perspectiva de que existirá “um futuro único e homogêneo” (Santos, 2007, p. 74). Tal concepção desvaloriza e tornam invisíveis os saberes

e formas de racionalidade produzidos nos territórios colonizados.

Santos (2007) cita o reconhecimento da existência do pensamento abissal como condição para agir além dele, com um pensar feito na perspectiva do outro lado da linha, o pensamento pós-abissal, “um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul” (Santos, 2007, p. 85). Esse pensamento “confronta a monocultura da ciência com uma ecologia de saberes” (Santos, 2007, p. 85), a qual se fundamenta na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. Essa ecologia dos saberes sugere o pensamento pós-abissal e tem como premissa o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento, que devem ser considerados sem implicar no descrédito do conhecimento científico. A ciência passa a ser entendida como “parte de uma ecologia de saberes” (Santos, 2007, p. 87) e, como tal, tem limites em relação às intervenções na realidade e é incompleta, dada sua impossibilidade de responder por todas as intervenções possíveis no mundo.

A teoria da ecologia dos saberes, proposta por Santos (2007), procura estabelecer uma hierarquia dos saberes de acordo com o contexto à luz dos resultados possíveis pelas diferentes formas de saber e, assim, “dar preferência às formas de

conhecimento que garantam a maior participação possível dos grupos sociais envolvidos na concepção, execução, controle e fruição da intervenção” (Santos, 2007, p. 90). Para tanto, o autor defende ser necessário enfrentar os problemas da incomensurabilidade, da incompatibilidade e da inteligibilidade entre os saberes, o que seria possível “explorando formas de complementaridade” (Santos, 2007, p. 91).

Santos (2007) defende então uma visão multiculturalista, na possibilidade de encontrar uma instância conciliadora. Ele busca uma relação intersubjetiva, em categorias que possam integrar a diferença, tornando-as inteligíveis. Para ele existe a possibilidade de uma totalidade integradora, que passa pela “construção epistemológica de uma ecologia de saberes” (Santos 2007, p. 93). Finalizando suas ideias, ele reafirma a ecologia dos saberes como “conhecimento prudente” (Santos, 2007, p. 94), constituída mediante perguntas constantes e respostas incompletas.

II - As relações entre sociedade e ciências segundo Jean – Marc Ela;

Jean-Marc Ela foi um teólogo católico camaronês representante da teologia africana da libertação e contribuiu com a área de ciências sociais, tendo como foco as questões específicas da sociologia africana. O pesquisador

nasceu em 27 de setembro de 1936 em Ebolowa, capital da região sul de Camarões. É oriundo de uma família de classe média e foi sacerdote católico da diocese de Ebolowa. Estudou na Universidade de Estrasburgo e na Universidade de Paris – Sorbonne. Atuou como professor de sociologia na Universidade de Montreal no Canadá (Assogba & Ela, 1999). A obra de Ela (2015) aborda o modelo científico ocidental, debatendo o próprio conceito de ciência e seu significado para o Ocidente, de modo que o autor realiza uma desconstrução sobre este modelo. Ela (2015) defende que a ciência, por ser um modelo Ocidental, não poderia ser utilizada pelos colonizados, uma vez que esta desenvolveu-se de acordo com determinadas perspectivas que não reconhecem nem valorizam os saberes dos povos africanos.

Ao discutir as relações entre sociedade e ciências, Ela (2015) discorre sobre a seguinte problemática: Qual é o papel do investigador africano na reinvenção da ciência? A discussão dessa questão permeia a própria concepção que se tem de ciência. Segundo Ela (2015) as definições do conceito de ciência a reconhecem como “um discurso sobre a realidade, assente na observação da realidade, mas que não é a realidade em si” (Ela, 2015, p. 13). Dessa forma, o autor

ênfatiza que a ciência é uma elaboração humana, e como tal é histórica, social e cultural, e trata-la como um discurso puro é ceder à ilusão.

Ela (2015) sugere que há uma crise no atual modelo de racionalidade, relacionada à forma como são definidos os conceitos de razão e de ciência. Para o autor, a origem dessa crise está no pensamento ocidental, que percebe seu fazer científico como uma única forma de produzir ciência, desvalorizando os demais saberes, dentre eles os saberes dos povos colonizados. A “universalidade assemelha-se à camuflagem ideológica de uma visão limitada e parcial do mundo e uma prática conquistadora, destruidora das culturas não-ocidentais” (Ela, 2015, p. 18).

Ela (2015) retomou a problemática da redução do conceito de razão para uma razão instrumental, como também foi apontado por Adorno & Horkheimer (1985) e Habermas (2000), e compreendeu que um modelo racionalizador hegemônico oculta outras expressões de racionalidade.

O autor chama atenção também para o fato de que “a humanidade não esperou pelo Ocidente para fazer ciência” (Ela, 2015, p. 18), destacando contribuições asiáticas e árabicas para o campo científico. No entanto, o tratamento da razão Ocidental como única forma de razão, deixou que tais conhecimentos se tornassem esquecidos, de modo que

atualmente “é possível fazer um doutoramento sem conhecer um único pensador árabe” (Ela, 2015, p.20).

No contexto dessa discussão sobre a pretensa superioridade dos países nórdicos, Ela (2015) atenta os cientistas africanos que o caráter de inovação da ciência inclui arriscar-se e tentar criar novos modelos e padrões para a produção do conhecimento. Uma nova concepção de ciência deve considerar as pessoas que a produzem, o cotidiano destas e as influências sociais na produção dos saberes. Com isso, o autor apresenta três atos que caracterizam a produção do conhecimento científico “em primeiro lugar, a ruptura com os preconceitos e as faltas de evidências; em segundo lugar, a conceptualização dos instrumentos de investigação: conceitos, modelos e de análise e teorias; por fim, a constatação implica a implementação de um dispositivo de investigação” (Ela, 2015, p. 52)

Segundo Ela (2015), mesmo sendo possível uma descrição tão simples do fazer científico, as condições de acesso a ele são muito complexas e por isso torna-se necessário que os investigadores científicos sejam mais críticos e questionem para quem e para que a ciência está endereçada, obrigando a ciência redefinir-se e a repensar seu papel diante da sociedade.

Para debater os modelos tradicionais de ciência e evidenciar a necessidade de um novo modelo, Ela (2015) mostra que a ciência tradicional se constitui por meio de uma "ruptura entre o mundo da vida e o mundo da ciência" (Ela, 2015, p.85). Tal ruptura deixa de fora da ciência a subjetividade, sendo a existência do próprio sujeito um desafio ao processo investigativo.

Outra questão abordada por Ela (2015) é a hierarquia existente dentro do campo científico, no qual as ditas "ciências duras" são vistas como ciência por excelência, devido seu grau de eficácia, rigor e também pelo caráter utilitarista diante das necessidades do mercado. Já as "ciências moles" são tratadas como aquelas que ainda precisam se aprimorar para serem enquadradas nos moldes das "ciências duras".

Nesse contexto, Ela (2015) defende que uma nova ciência só será possível com o fim dos guetos, com a superação dos estudos disciplinares, fragmentados, que ignoram as relações complexas existentes entre as áreas de saber. Para o autor deve-se entender a ciência como um "produto cultural como outro, deve atentar-se à capacidade do cientista de auto-interrogação" (Ela, 2015, p. 100).

Para a elaboração de um novo modelo de ciência, Ela (2015) sugere as características que devem ter um

investigador africano. No que se refere ao novo espírito científico, ele necessita da "tomada de consciência da riqueza da multiplicidade de abordagens e das práticas de intercâmbios fronteiriços que incentivam a escuta recíproca na formulação e no estudo de uma nova questão de investigação" (Ela, 2015, p. 103). O investigador africano também tem papel de ouvir a voz da África e fazê-la emergir dentro da ciência, dando lugar às discussões inéditas. Deve ser crítico em relação ao "impacto do saber ocidental nas suas experiências de investigação científica" (Ela, 2015, p. 104), atuando com postura de resistência frente aos mesmos. O cientista africano, segundo Ela (2015, p. 107), deve "zelar pela elaboração de uma nova coerência", articulando a essa aspectos sociais, culturais, artísticos e naturais.

Intervozes: pontos de convergência entre as obras de Jean-Mar Ela e Boaventura

Razão e pensamento são dois conceitos-chave no processo de construção dos saberes apresentado por Jean-Marc e Boaventura. Os autores concordam que há um ataque aos saberes em geral e em particular aos saberes de culturas não hegemônicas.

A sociedade contemporânea caracteriza-se pelo acesso à informação

via canais virtuais de comunicação, nos quais o mito se faz cada vez mais presente. Se a razão surge para combater o mito, ela converte-se e reduz-se ao controle da natureza, do homem e da ciência (razão instrumental). O expoente máximo do processo de racionalização ocidental, mesmo imperando nas sociedades contemporâneas não fará com que os mitos desapareçam, pois, os mesmos “reaparecem e transformam-se, adaptando-se a contextos históricos e culturais diferentes e revestindo-se de novos significados” (Ela, 2015, p.45).

Os mitos se entrelaçam aos boatos, às *fake news* e ao pensamento cartesiano contemporâneo que preza pela dualidade do sim ou não e do verdadeiro ou falso, assumindo características semelhantes ao próprio pensamento científico.

Como já dito, essas características fazem parte de um pensamento abissal que para Santos (2007, p.72) “se destaca pela capacidade de produzir e radicalizar distinções” e tais distinções retomam as linhas cartográficas “abissais” que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na era colonial e que “subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo” (Santos, 2007, p.71).

Ao identificar o pensamento abissal, Santos (2007) compreendeu o fato de linhas invisíveis e radicais dividirem a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. Essa divisão não é geográfica, é uma divisão de dominação, onde “o do outro lado da linha” desaparece como realidade. O “deste lado da linha” desqualifica o “outro lado da linha”. Para além “deste lado” há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética.

Enquanto Ela (2015) indicou o modelo racionalizador ocidental como o elemento que provoca invisibilidade à outras formas de racionalidade e de construção de saberes, Santos (2007) por sua vez percebe a forma radical de exclusão de outras racionalidades e saberes a partir de um pensamento abissal e afirma que “tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o ‘outro’” (Santos, 2007, p.71).

Entendemos que superar a ideia de razão instrumental e a crise da racionalidade é um processo que perpassa a expansão do próprio conceito de razão e a construção de um pensamento pós-abissal, capaz de romper com as linhas invisíveis que fazem desaparecer as pessoas, ideias, saberes, formas de vida.

Na mudança paradigmática proposta por Santos (2007) está contemplada uma ecologia de saberes com base no reconhecimento da pluralidade de saberes heterogêneos, da autonomia de cada um deles e da articulação sistêmica, dinâmica e horizontal entre eles (Sobreira, Oliveira & Argolo, 2017, p. 75). Para Santos (2007) o reconhecimento dessa pluralidade de saberes é a característica principal do pensamento pós-abissal.

O pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e continua desprovida de uma epistemologia adequada, de modo que a diversidade epistemológica do mundo está por ser construída. (Santos, 2007, p. 84).

Entendemos que o reconhecimento da pluralidade de saberes proposto por Santos (2008) se relaciona à compreensão da racionalidade como um processo mais amplo como proposto por Ela (2015). Superar a razão instrumental objetivando a superação da crise da racionalidade atual está diretamente relacionado ao reconhecimento da pluralidade de saberes.

Considerações finais

Nesse artigo dialogamos entre as teorias de Boaventura e Jean-Marc com o objetivo de discutir a ciência como um instrumento de manutenção do processo de colonização, considerando o ponto de

vista de um autor europeu e de um autor africano.

As discussões centradas nos conceitos de ciência e racionalidade tornaram evidente que o modo como os cânones da ciência são moldados acabam por valorizar a produção de conhecimento dos povos de Norte em detrimento a outras formas de conhecimento.

Conforme proposto por Ela (2015) e Santos (2007), o campo científico se caracteriza como um espaço que deixa de fora crenças, valores e aspectos culturais, que hierarquiza saberes e que produz um tipo de ciência que tem papel de manutenção no processo de colonização.

Santos (2007) dialoga com o Ocidente, evidenciando o abismo que separa "este lado da linha" do "outro lado da linha" e aponta a necessidade de coexistência dos dois lados para a criação de um pensamento pós-abissal.

Ela (2015) direciona sua obra aos cientistas africanos, sinalizando a necessidade de uma nova ciência e de uma nova postura investigativa, na qual o pesquisador africano precisa estar presente e valorizar seus modos de fazer ciência. Para Ela (2015) é necessário pensar um modelo completamente novo, que resista aos modelos de ciência do Ocidente. Segundo o autor, tal modelo quando posto como universal, pode destruir saberes locais, e desta forma determina o que é ou não



conhecimento. A medida que padrões eurocêntricos são impostos em sociedades não-ocidentais, tais grupos se tornam intelectualmente colonizados.

Em suma, Santos (2007) e Ela (2015) convergem sobre a necessidade de se criar um novo modelo de ciência e um novo modelo de racionalidade. Um pensamento pós-abissal, como propõe Santos (2007), requer esse ver o outro a partir do próprio outro, de seu próprio modelo de racionalidade.

Referências:

Adorno, T. W.; Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: J.

Assogba, Y.; Ela, J. M. (1999). *Jean-Marc Ela: le sociologue et théologien africain en boubou*. L'Harmattan.

Ela, J. M. (2012). *Investigação Científica e Crise da racionalidade*. Livro I, Edições Pedagogo – Coleção reler África.

Habermas, J. (2002). *Uma outra via para sair da filosofia do sujeito. Razão Comunicativa X Razão Centrada no Sujeito. O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Santos, B. D. S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos CEBRAP*, 2007(79), 71-94.

Santoa, B. S. (2017). CV e nota biográfica.

Sobreira, G. C., Oliveira, M. S.; Argolo, A. (2017). Reflexões sobre a ecologia dos

saberes na prática educacional: A arte como possibilidade de emancipação.

Financiamiento

Secretaria de Relações Internacionais/
Pró-Reitoria de Pós-Graduação da
UFSCar.

CAPES - Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior